

Aspectos da Ilha das
Cobras em 1809
Fonte: BN Digital

CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DO BRASIL: atuações relevantes ao longo de mais de duzentos anos

Wilson Soares Diniz*

1808 - 1929

Com grande orgulho, os fuzileiros navais exaltam a chegada ao Brasil com a família imperial, em 1808, trazendo as mais belas tradições marinheiras e iniciando a participação com presença e devoção à História Naval brasileira desde então. Inicialmente, os fuzileiros navais da Brigada Real da Marinha foram instalados nos quartéis da Armada até 21 de março de 1809, quando foram transferidos para a Ilha das Cobras, na Fortaleza de São José, onde permanecem até hoje com seu Comando-Geral. Serão analisados sumariamente os principais eventos da participação dos fuzileiros navais na História do Brasil.

TOMADA DE CAIENA

Em 1808, após a chegada da comitiva de João VI ao Brasil, houve o revide contra a invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte, francês. A cidade de Caiena era ocupada por franceses, o que ameaçava os limites do Rio Oiapoque, na capita-

nia do Grão-Pará. O governo do Grão-Pará recebeu de João VI um grupo de navios e comitiva de trezentos fuzileiros da Brigada Real da Marinha, em 12 de janeiro de 1809. As tropas brasileiras venceram a guerra e propiciaram a demarcação dos limites do atual estado do Amapá.

A INDEPENDÊNCIA DO PAÍS E SUA CONSOLIDAÇÃO

Quando Dom João VI voltou a Portugal, o Ministro da Marinha, em 21 de abril de 1821, determinou que permanecesse no Rio de Janeiro o Batalhão de Fuzileiros-Marinheiros da Brigada Real da Marinha. Forças portuguesas da Marinha permaneceram no Brasil. O Brasil era então Reino Unido de Portugal e Algarves. As Cortes Portuguesas exigiram do Regente Dom Pedro I sua volta a Portugal. Com a sua negativa, tropas portuguesas no Brasil, chefiadas pelo Tenente-General Jorge Avilez, após o “dia do fico” de Dom Pedro I, em 9 de janeiro de 1922, decidiram partir da re-



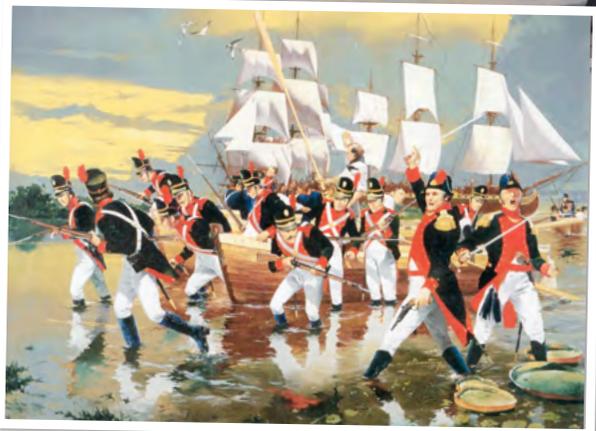
A chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro

Obra de Alcebiades Miranda de Noronha

tadas por forças da Marinha, que desembarcaram um destacamento de fuzileiros-marinheiros e, em 2 de julho de 1822, expulsaram as tropas portuguesas do local. Posteriormente, destacamentos de fuzileiros-marinheiros atuaram em Recife e Alagoas, expulsando os portugueses do País.

GUERRA DA CISPLATINA

A atual República do Uruguai fora incorporada ao Brasil em 31 de julho de 1821 com o nome de Província da Cisplatina. As diferenças de idioma, origem e tradição jamais permitiram uma completa integração da Cisplatina ao Brasil. Por outro lado, os uruguaios que não concordaram com a anexação, fugiram para a Argentina com fito de fomentar uma revolução e emancipar o país. Em 1825, 150 fuzileiros-marinheiros desembarcaram nas margens dos Rios Paraná, Paraguai e Uruguai, após ação das forças navais da Argentina e Uruguai, lutaram bravamente e mantiveram as posições. Após o fim da guerra, em 21 de janeiro de 1826, o Batalhão de Artilharia da Marinha passou a se chamar Imperial Brigada de Artilharia da Marinha, fixando o seu efetivo em 1.173 homens, lotados em dois batalhões com seis companhias cada. Em novembro de 1827, o efetivo foi aumentado para 2.789 homens, em dois batalhões com oito companhias cada.



Desembarque em Caiena em 1809

Obra de Álvaro Martins

gião do Castelo, na cidade do Rio de Janeiro, para o Paço – Praça XV, no dia 11 de janeiro de 1822. Os fuzileiros navais, da Fortaleza de São José, sob o comando do Brigadeiro José Joaquim do Couto, abriram fogo com canhões, que barraram as tropas portuguesas, impedindo a sua ação contra o Regente. Para Niterói, então, eles se retiraram. Em 29 de agosto de 1822 o Regente declarou inimigas do Brasil as forças estrangeiras. Em 7 de setembro de 1822 era proclamada a Independência do Brasil. Em 24 de outubro de 1822, Dom Pedro I reorganizou a unidade de fuzileiros, que passou a se chamar Batalhão de Artilharia da Marinha com efetivo de 54 oficiais, 74 sargentos, 71 cabos e 3.758 soldados. Em 1823, forças portuguesas na Bahia foram derro-



A NOITE DAS GARRAFADAS

Em março de 1831, exaltados que se opunham a D. Pedro I provocaram um tumulto, que durou três dias, quando D. Pedro I regressava de Minas Gerais. Tal conflito chamou-se “noite das garrafadas”. Um contingente da Imperial Brigada de Artilharia da Marinha foi empenhado para dis-

Oficial e Soldado da Brigada Real da Marinha (1808)

solver o conflito, com sucesso. O conflito atingiu uma área no centro da cidade, onde hoje ficam a Avenida Marechal Floriano e a Candelária. Houve várias baixas, o desgaste provocou a abdicação do Imperador em 7 de abril de 1831. Era o fim do primeiro reinado. Em 21 de agosto de 1832, o efetivo da Imperial Brigada foi diminuído para seiscentos homens. Em 1836, o efetivo foi dobrado. Neste período, seus combatentes embarcaram nos navios que policiavam a costa brasileira em repressão ao tráfico de escravos. Em 11 de setembro de 1847, a denominação passou a ser Corpo de Fuzileiros Navais.

CAMPANHA CONTRA ORIBE E ROSAS

Em 1851, a região platina ainda era palco de sucessivas convulsões políticas. O ditador Rosas, da Argentina, e o uruguaio Oribe, chefe do partido Blanco, queriam ressurgir o Vice-Reinado do Prata, ameaçando o Rio Grande do Sul. O Brasil decidiu apoiar Suarez, presidente legal do Uruguai, aliando-se às províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos. As tropas brasileiras eram comandadas por Caxias e as Forças Navais eram comandadas por Grenfell, que contava com destacamento de fuzileiros navais. Na guerra, oito fuzileiros navais foram mortos e 24 foram gravemente feridos. A Batalha de Tonelero foi vencida em 17 de dezembro. Em 24 de novembro de 1852, foi dada a denominação de Batalhão Naval, com 64 oficiais e 1.216 praças, com seis companhias de infantaria e duas de artilharia.

CAMPANHA CONTRA AGUIRRE

Em 1851, Aguirre assumiu a presidência do Uruguai e recrudescer a rivalidade entre blancos e colorados. Houve conflitos no Rio Grande do Sul, provocados pelos uruguaio. A Força Naval brasileira, estacionada no Rio da Prata, era comandada pelo Almirante Joaquim Marques Lisboa, então Barão de Tamandaré. Um destacamento de cem fuzileiros navais atuou e teve cinco mortos e nove feridos na luta em Salto, mas conseguiram vitória. O próximo objetivo era Paissandu. Tamandaré ainda comandava a Força Naval. Louva-se o comportamento do Sargento Francisco Borges de Souza na tomada do Forte Sebastopol. Houve

morte de um sargento, quatro cabos e dezesseis soldados, mas veio a vitória.

GUERRA DO PARAGUAI

Em novembro de 1864, o ditador do Paraguai, Francisco Solano López mandou aprisionar o navio brasileiro “Marquês de Olinda”. Isto provocou a Guerra do Paraguai. Em 11 de junho de 1865, a Esquadra Brasileira no Rio Paraná atacou a Esquadra paraguaia. O Almirante Barroso era o Comandante da Esquadra Brasileira na Batalha de Riachuelo. Os fuzileiros navais do Batalhão Naval eram 1.846 praças, sendo que 1.428 estavam embarcados, dos quais 585 artilheiros e 843 fuzileiros. Em agosto de 1869, com a morte de Solano López acabou a Guerra do Paraguai.

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Na madrugada de 15 de novembro de 1889 havia um boato que previa a prisão do Marechal Deodoro da Fonseca, por sua posição de apoio



Passagem de Tonelero

Obra de Trajano Augusto de Carvalho



Batalha do Riachuelo

Obra de Eduardo de Martino

à República. Houve movimento de tropas para a Praça da República, onde seria feita a Proclamação da República. O Capitão de Fragata Antônio de Amorim Costa era o Comandante do Batalhão Naval e enviou uma tropa com quatrocentos homens, comandados pelo Capitão-Tenente Quintino Francisco da Costa, para se incorporar às forças do Marechal Deodoro. Proclamada a República, o Marechal Deodoro deu nova organização ao Batalhão Naval, com quatro companhias de infantaria, duas de artilharia, um Estado-Maior e um Estado-Menor, com um efetivo de mil homens, sendo 34 oficiais.

A REVOLTA DA ARMADA

Em 3 de novembro de 1891, Deodoro dissolveu o Congresso. Em 23 de novembro, o Almirante Custódio José de Mello assumiu o controle de alguns navios, ameaçando bombardear a cidade. Deodoro renunciou e o Marechal Floriano Peixoto assumiu a Presidência da República. Foram embarcadas duas companhias do Batalhão Naval nos Encouraçados “Riachuelo” e “Aquidabã”. A revolta foi logo debelada. Em 15 de fevereiro de 1895, o governo resolveu criar o Corpo de Infantaria da Marinha, em substituição ao Batalhão Naval. Tal denominação duraria até 1908 quando voltou a ser Batalhão Naval, com efetivo de seiscentas praças.

REVOLTA NA ESQUADRA E NO BATALHÃO NAVAL

Em 22 de novembro de 1910, uma semana após a posse do Marechal Hermes como Presidente do Brasil, revoltaram-se os marinheiros da Esquadra por motivos políticos. Em 9 de dezembro de 1910, revoltaram-se os fuzileiros do Batalhão Naval, mas no dia 10 de dezembro desistiram, colocando a bandeira branca na capela do hospital, na Ilha das Cobras.

REVOLTA NO FORTE DE COPACABANA

Em 1922, o Presidente do Clube Militar, Marechal Hermes da Fonseca, foi preso e o Clube fechado. Uma companhia do Batalhão Naval foi destacada para defender o Palácio do Catete. Ou-



Revolta da Armada: a rendição dos insurgentes

Autor desconhecido

tra companhia e uma bateria de artilharia posicionaram-se junto ao quartel-general do Exército. Os revoltosos bombardearam o palácio de guerra, usando a artilharia do Forte de Copacabana, matando três fuzileiros navais. Os revoltosos renderam-se e dezoito militares do forte saíram a pé pela Avenida Atlântica, sendo abatidos em frente à Rua Hilário de Gouveia.

REVOLTA EM SÃO PAULO

Em 1924, houve outra revolta, liderada pelo General Isidoro Dias Lopes. Dois destacamentos do Batalhão Naval, um de infantaria e outro de artilharia, foram enviados para a cidade de São Paulo. Os revoltosos permaneceram na cidade de 5 a 27 de julho de 1924. Derrotados, saíram da cidade. Em 24 de dezembro de 1924, o governo criou o Regimento Naval, em substituição ao Batalhão Naval, com efetivo de 1.500 homens. Houve comissionamento de primeiros-sargentos como segundos-tenentes da Corporação. ■

BIBLIOGRAFIA

Revista *O Anfíbio*, do CFN
Documentos do Museu do CFN
Pesquisa na Biblioteca do Clube Naval

* Capitão de Mar e Guerra (Ref°-FN),
Coordenador do Círculo Literário do Clube Naval